

A terceira margem

Divulgação/Márcio Ferreira

Milton Nascimento anda se sentindo um pouco como um parente de Guimarães Rosa. Com a gravação de "Txai" ele acredita ter conseguido descobrir e revelar o que há no interior da gente simples da floresta ou na terceira margem do rio: poesia. E mais do que isso, descobriu uma maneira particular de contribuir para a conscientização ecológica. Novamente: poesia.

— Com as crianças, os homens, as mulheres, os índios, os velhos era sempre a mesma coisa: eles abriam a boca e só saía poesia. Se as pessoas da cidade se dessem ao prazer de ouvi-los falando, acho que não haveria as perseguições, os extermínios e desmatamentos que acontecem nas florestas. Porque descobririam que o que buscamos está muito mais perto da gente. Nós é que não sabemos ver. Eles sabem.

Apesar de a letra de "Terceira margem do rio" (título de um conto de Guimarães Rosa) ser de Caetano ("achei a cara dele"), Milton a considera como uma das faixas que mais está impregnada por esse sentido de descoberta. Isto porque compôs a música pensando justamente "no que a gente da cidade não conhece e não deixa brotar e neles aflora a toda hora". Ao tentar explicar esse "quê", ele sente alguma dificuldade, mas se esforça e sai:

— Eles não se seguram como a gente se segura aqui. Têm um amor que se manifesta nas menores coisas que fazem. Quando te presenteliam, você tem a certeza de estar recebendo naquilo o coração. Eles não têm medo do toque, que é como demonstram que gostam de você. Mas não há a mínima possibilidade de fazerem isso com quem não gostam — diz. E com um tom de matuto, que não lhe sai forçado, conclui — Eles são diferentes: não sabem fingir.

Milton conta que já vinha há dois anos querendo "falar de rios", mas não queria falar sem conhecimento. Depois de receber dez fitas cassetes com músicas das tribos filiadas à Aliança dos Povos da Floresta, que reúne também seringueiros e ribeirinhos, ele finalmente resolveu viajar para o Acre e depois Rondônia, em agosto do ano passado, levando um estúdio ambulante na bagagem. Segundo Milton, o disco foi praticamente todo gravado durante a viagem, que ao todo somou 65 mil quilômetros de percurso entre aviões, carros e barcos. Nestes, a parte mais aprazível da viagem:

— A gente navegava de dia e aportava de noite. Às vezes, dormíamos na rede, no próprio barco. Outras, aportávamos nas casas dos moradores da região, pedíamos abrigo e recebíamos. E, como não tinha essa coisa de ser um cantor famoso, eu cantava para essas pessoas e as ouvia cantando. Eu e as crianças conversávamos com a lua, com as estrelas, fazíamos pedidos.

O show de lançamento aconteceu há duas semanas, em Rio Branco (Acre). Lá, Milton teve a oportunidade de ver qual a reação que as músicas provocam nos inspiradores, ou co-autores delas:

— Cantei três músicas do disco e foi incrível como eles reagiram, percebendo que quem estava falando eram eles. Foram logo se reconhecendo, se notando. (Macedo Rodrigues)



Milton (à esquerda) acredita ter conseguido registrar em disco a poesia e a riqueza sonora das tribos indígenas

DISCO/Crítica

■ TXAI

Os mil tons da floresta

MAURO FERREIRA



Alta rotação

Milton Nascimento apaixonou-se pelos mil tons e sons da música dos povos da floresta. O fruto dessa paixão chega às lojas esta semana. E "Txai", o 22º LP do cantor e compositor mineiro — um álbum conceitual, impregnado de sonoridades tribais. Palavra da língua dos índios Kaxinava, txai significa, numa tradução aproximada, companheiro, metade de mim. É o título ideal para um trabalho que integra vozes indígenas com o vocal metálico de Milton.

O disco — que é parte da campanha de apoio à Aliança dos Povos da Floresta — abre mão de um discurso panfletário-ecológico, mas traduz na essência de seus versos sensíveis toda a preocupação de Milton com o destino dos povos da floresta. Sensibilidade expressa em letras que falam de rios, matas, águas, animais, homem — natureza, enfim.

"Txai" é um disco nascido de uma viagem iniciada nos intervalos da turnê promocional de "Miltons", o trabalho anterior de Milton. Após ouvir uma fita com músicas de tribos indígenas brasileiras, o cantor, impressionado, subiu o Rio Juruá, no Acre, e travou contato com o povo da floresta. Foram vários dias de convivência com índios, seringueiros e ribeirinhos (caboclos que vivem às margens dos rios). A experiência dessa viagem mais musical do que geográfica foi absorvida por Milton

na concepção desse "Txai" tão rico na sua musicalidade nativa.

Trata-se de uma obra que incorpora ao trabalho de Milton os sons tribais ouvidos e pesquisados por ele nessa viagem, sem desprezar a essência de ambos. Nisso, aliás, consiste o maior mérito do LP. "Txai" não é um disco folclórico e tampouco didático. Ele apenas reúne metades de sons que, juntas, parecem completar-se. Não é à toa que o trabalho é aberto com um solo vocal de Milton em cima de um tema do Ballet David Parsons, enquanto um índio da tribo Yanomani adverte na sua língua o homem branco sobre os perigos do extermínio das florestas. Só que a mensagem dos povos dessas florestas é esperancosa, e a faixa-título do disco, uma composição de Milton e Márcio Borges, traduz este otimismo em versos simples e sonoros como "Txai é fortaleza que não cai".

O disco mescla o sopro pop de canções como "Coisas da vida" — uma das quatro parcerias de Milton com Fernando Brandt incluída no LP — com o suave toque ruralista de alguns tambores kalimba. E o contraponto certo para músicas indígenas como "Baú metoro", um tema original da nação guerreira Kayapó, cantado pelo povo dessa nação na sua língua Jê. "Txai", aliás, não é um disco apenas de Milton. O cantor mostra-se mesmo companheiro dos povos que o ajudaram na concepção do trabalho. Assim, da mesma forma que o pajé Perpera da tribo Paiter sola "Hoeiepereiga", o cantor entoia "Estórias da floresta", com um vocal que fica entre o canto e a fala.

"Homem não existe para ser só animal" dispara a letra de "Yano-

mani e nós (Pacto de vida)". Essa canção de Milton e Brandt, registrada com os teclados em primeiro plano, lembra a sonoridade singela e elegante de "Miltons". Mas a surpresa aparece no outro lado. Trata-se de "A terceira margem do rio", uma inventiva parceria de Milton e Caetano Veloso, urdida com um arranjo de metais. Mestre no uso da palavra, Caetano elaborou versos recheados de aliterações sonoras ("O rio ri, ri") que constroem um vigoroso efeito rítmico. Mais melódica, "Benke" — nome de um curumim do povo Kampa — traz a participação do menino Leonardo Bretas, que terça vezes com Milton na canção, dedicada aos curumins.

Já em "Sertão das águas" — a mais mineira das canções de "Txai" — Milton louva os rios, manifestando o desejo de paz na floresta. É o pedido de paz de um txai. Com a bela "Que virá dessa escuridão?" Milton prova que os universos urbanos e rurais não são musicalmente tão díspares. Após cantar a primeira parte da composição em ritmo ágil, apoiado apenas por uma percussão indígena, o cantor entoia a segunda com piano e cordas, dando ênfase na melodia e com uma harmonia tipicamente urbana. "Txai" é isso: um encontro de universos, sons, ritmos e cabeças. Quando "Nozani Na" — composição de Villa-Lobos, entoada por Milton em idioma indígena, na companhia da cantora Marlui Miranda — fecha o disco, juntamente com "Baridjumokô", música do povo Kayapó, fica claro que o destino da viagem foi alcançado. Os mil tons dos povos das florestas são dignos de uma paixão.